

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

Fabiana Bezerra dos Santos

**IMAGINAR, ILUMINAR E COMUNICAR**  
**Ressignificando a linguagem visual na escola**

Porto Alegre

2011

Fabiana Bezerra dos Santos

**IMAGINAR, ILUMINAR E COMUNICAR**  
**Ressignificando a linguagem visual na escola**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
como parte dos requisitos necessários para a  
obtenção do Grau de Licenciatura em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. João Pedro Alcantara Gil

Porto Alegre

2011

S237i Santos, Fabiana Bezerra dos  
Imaginar, Iluminar e Comunicar: Resignificando a  
linguagem visual na escola / Fabiana Bezerra dos Santos. –  
Porto Alegre: UFRGS, 2011.  
54 f.

Trabalho de conclusão de curso – Universidade Federal  
do Rio Grande do Sul, Departamento de Arte Dramática.  
Orientação: Prof. Dr. João Pedro Alcantara Gil.

1. Linguagem visual. 2. Escola. I. Gil, João Pedro  
Alcantara. II. Título.

CDU – 792

Dedico este trabalho a quem dedico tudo mais  
de emocionante que possa vir de mim:  
À minha filha, Maya dos Santos Bottini.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por dar a certeza de sua existência e de seu acompanhamento em minha vida, fazendo-me uma pessoa mais feliz e mais forte nos momentos de adversidade.

Um agradecimento muito carinhoso a todos os professores que fizeram parte e tornaram possível minha caminhada. Em especial aos professores: João Pedro Alcantara Gil, meu orientador e incentivador do início ao fim; Ciça Reckziegel, por seu lema “Nós podemos tudo que nós queremos” (o acento é assim mesmo); Xico de Assis, pelos ensinamentos na prática; Marco Fronckowiak, por plantar dúvidas e nunca respostas. Queridos: quando crescer, quero ser que nem vocês!

Agradeço a minha família:

À minha filha Maya por existir e ser uma infinita fonte de amor, carinho e ternura. E também por ser bem braba como eu!

À minha avó Genecy, por me criar, me educar e nunca me deixar faltar à aula, exceto quando estava doente. (Na época foi difícil, mas hoje entendo e agradeço, pois isso fez com que me tornasse responsável e comprometida com meus caminhos).

Ao meu pai por, em nosso curto espaço de tempo juntos (16 anos), ter me dado a certeza de seu amor, carinho e acompanhamento. Por ter deixado a sensação de ter para sempre o pai mais orgulhoso do mundo. E finalmente, por ter admirado meus desenhos tortos de criança como a uma obra de Da Vinci!

À minha mãe por me amar e desejar resgatar nosso tempo perdido.

Ao amigo Flávio Escobar, por ter um grande coração e por muitas vezes agir como um pai, sendo chato e carinhoso ao mesmo tempo.

Aos meus irmãos Márcio e Marcelo, pelo amor tímido, mas existente. Um agradecimento especial ao meu irmão mais velho Marcelo porque um dia quando tinha uns nove anos, ele me ouviu dizer que queria ser atriz e me disse: “- Você vai ter que fazer a faculdade de artes cênicas.” (Mano, isso nunca saiu da minha cabeça!).

Agradeço ao companheiro a amigo Alisson Oliveira, que chegou ao final do processo, mas pode oferecer suas leituras e comentários pertinentes. Obrigado por sua paciência em somente ouvir e comunicar tanto com o olhar e também por dizer “calma, nós vamos conseguir”.

Agradeço com muito amor aos amigos que fizeram parte desse trajeto. Não quero citar nomes porque posso acabar esquecendo alguém. Mas os amigos que são especiais para mim vão saber que esse agradecimento é para eles, pois sempre deixei claro que os adoro muito.

Um agradecimento muito carinhoso aos alunos do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, turma 11 OP. Agradeço-os pela sinceridade, pelos aprendizados e principalmente, por compartilhar seus olhares (algo tão íntimo e precioso).

Agradeço a vida! Por tudo de bom, de ruim e de mais ou menos que aconteceu em minha trajetória até o momento. Agradeço a arte, aos abraços, olhares, carinhos, amigos, as crianças, as conquistas, danças, músicas, leituras, poesias, flores, árvores, pés na grama, brincadeiras, sorrisos, amores, banhos de mar, choros de felicidade, risos de tristezas, dúvidas, cansaços, sonhos, sonos, meditações, encontros, generosidades, empatias, dias de Sol, dias nublados, dias de chuva, noites estreladas, noites de luar, ar, água, terra, força.

Finalmente, agradeço por eu ser consciente do valor de tudo isso!

“Onde você vê um obstáculo,  
alguém vê o término da viagem  
e o outro vê uma chance de crescer.

Onde você vê um motivo pra se irritar,  
Alguém vê a tragédia total  
E o outro vê uma prova para sua paciência.

Onde você vê a morte,  
Alguém vê o fim  
E o outro vê o começo de uma nova etapa...

Onde você vê a fortuna,  
Alguém vê a riqueza material  
E o outro pode encontrar por trás de tudo, a dor e a miséria total.

Onde você vê a teimosia,  
Alguém vê a ignorância,  
Um outro compreende as limitações do companheiro,  
percebendo que cada qual caminha em seu próprio passo.

E que é inútil querer apressar o passo do outro,  
a não ser que ele deseje isso.  
Cada qual vê o que quer, pode ou consegue enxergar.

Porque eu sou do tamanho do que vejo.  
E não do tamanho da minha altura.”

**Fernando Pessoa**

## RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, com alunos do 1º ano do ensino médio. A pesquisa parte do princípio de aguçar o olhar e torná-lo mais consciente do mundo visual que nos rodeia. Após, este olhar é voltado para as imagens que o espaço escolar oferece. Buscando uma reflexão crítica do que ele representa e de como pode interferir no comportamento, para, posteriormente, ressignificar este espaço através da iluminação, um elemento da linguagem visual do teatro.

**Palavras-chave:** Arte dramática. Escola. Iluminação. Linguagem visual.

## SUMÁRIO

<b>1 IMAGINAR, SIGNIFICAR E ILUMINAR .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1 Introdução .....</b>	<b>9</b>
<b>1.2 Abrir o Olhar: reflexões sobre a cultura visual .....</b>	<b>11</b>
<b>1.3 Os Signos e os Significados.....</b>	<b>14</b>
<b>1.4 A Iluminação e as Possibilidades de Ensino.....</b>	<b>16</b>
<b>1.5 O Espaço Escolar.....</b>	<b>17</b>
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 Os Sujeitos da/na Pesquisa .....</b>	<b>20</b>
<b>2.2 Procedimentos e Coletas .....</b>	<b>21</b>
<b>3 ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>30</b>
<b>4 FECHO OS OLHOS PARA VER .....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>35</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>37</b>
<b>ANEXO 1 – Fotos do Colégio Júlio de Castilhos .....</b>	<b>38</b>
<b>ANEXO 2 – Investigações com iluminação .....</b>	<b>44</b>
<b>ANEXO 3 – Iluminação nos espaços escolares e exercício com símbolos .....</b>	<b>51</b>

## 1 IMAGINAR, SIGNIFICAR E ILUMINAR

### 1.1 Introdução

A vida sempre reserva suas surpresas. Não importa classe social, raça ou religião, todos nós encontramos momentos assim. Por mais que objetivamos possuir certo controle quando exercitamos nossa autonomia de tomarmos decisões e escolher caminhos, chega um momento em que a vida te surpreende. Creio que nessa hora é preciso lembrar-se que nada acontece por acaso e que “Deus escreve certo por linhas tortas”. Escrevo isso porque quando realizei minha inscrição no concurso de vestibular da UFRGS para o ano de 2004, inscrevi-me para bacharelado em atuação e como segunda opção, Licenciatura em teatro. Passei para segunda opção e confesso que me frustrei com o resultado. Ser professora? Será?

Mas, como nada acontece por acaso e como “Deus escreve certo por linhas tortas”, ao entrar em contato com idéias e reflexões acerca do trabalho do professor algo se processou em meus ideais. Ao pensar em como proporcionar investigações para, a partir delas, gerar construção de conhecimento, ao pensar a estrutura escolar de hoje, muito semelhante com a que vivenciei em minha trajetória, e finalmente, ao pensar que esta profissão poderia me fazer sentir a emoção da transformação, passei a desejar muito tudo isso. Assim, um acaso gerou um novo caminho.

Após o surgimento deste novo caminho para minha profissão, algo mais aconteceu. Com o intuito de buscar alternativas financeiras para continuar mantendo um curso universitário diurno, assumi uma bolsa de monitoria, passei a ser a monitora de iluminação do Departamento de Arte Dramática, e desta forma, outro “mosquitinho” me picou. Ser iluminadora? Será?

Mas, como nada acontece por acaso e como Deus... Senti no desenvolver deste trabalho a sensação maravilhosa de ser parte de um espetáculo através da luz, a sensação de estar em cena sem estar no palco, estar em cena através da regência de uma orquestra de luz.

São importantes estas informações, pois estes dois encontros, a licenciatura e a iluminação, são os elementos essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa.

A iluminação e as práticas que envolvem esta atividade estão conectadas com a produção de imagens, na medida em que podem dar ênfase, esconder ou ambientalizar os elementos que compõem, organizam e definem determinada imagem. O processo de realizar um desenho de luz une conhecimento técnico e criação artística. O encontro com uma obra, espaço ou objeto a ser iluminado deve ocorrer de forma sensitiva, receptiva e aberta para sentimentos que despertem para criação estética. Creio que os sentimentos que despertam em mim ao encontrar uma obra de arte, unidos ao processo criativo da luz, trazem a cada trabalho realizado, a sensação de apropriação. Cada obra acaba sendo um pouco minha, pois luzes e cores tocam de acordo com minha batuta.

A consideração destes aspectos citados colocou-me a pensar em como utilizar estas vivências e sensações para pensar o ambiente escolar. Ao escrever sobre narrativas educacionais, Fernando Hernández (2007) aponta para o fato de que o que acontece na escola pode ser apaixonante, e que isso não deve ser considerado como algo impossível ou imutável, e acrescenta que esta visão é muito comum devido a uma narrativa dominante na escola atual, a de que “as coisas são como são e não podem se pensadas de outra maneira”. Penso que esta possibilidade do “apaixonante” vincula-se a sensações de apropriação e identificação com espaço escolar, bem como a desafios que possibilitem ao aluno vivenciar de forma investigativa a construção de conhecimento.

Identifico-me com estas questões, pois como futura professora, observo a escola como um local, não raro às vezes, sem sentido para os alunos. Um local de encontro com colegas e de transmissão de conhecimento que se dá única e exclusivamente pelo professor, detentor do saber. Embora este seja um tema pertinente e já muito discutido por educadores, ainda há muito por fazer para uma renovação da escola. A proposta deste trabalho é apresentar a pesquisa que realizei sobre a ressignificação do espaço escolar através da luz,

propondo o pensamento e a reflexão crítica sobre as imagens que nos rodeiam, em especial, as imagens do cotidiano escolar.

Desenvolvi em minha pesquisa os seguintes aspectos: reflexão sobre o significado das imagens, identificação dos elementos desta, reflexão sobre a produção imagética da escola, investigação da luz (funções e possibilidades) e por fim, a iluminação recriando imagens produzidas pela escola.

## **1.2 Abrir o Olhar: reflexões sobre a cultura visual**

A proposta de investigar imagens levou-me ao Estudo da Cultura Visual<sup>1</sup>. Muitas imagens estão dispostas em nosso caminho diariamente e utilizo o verbo “abrir” para designar o que se pretende para o olhar, pois esta expressão é muito utilizada no trabalho do ator, onde abrir o olhar significa observar realmente, num ato ativo, de busca e de investigação.

Em Estudos sobre a Cultura Visual, Suzana da Cunha (2005) desenvolve a ideia de que dirigimos nossos olhares para aquilo que faz sentido dentro de nossas vivências sócio-culturais. E cita John Berger (1982, p. 12) que afirma que “somente vemos aquilo que olhamos”. Ou seja, ver não é um ato passivo, o que vemos desperta uma rede de significados que podemos muitas vezes nem perceber sua amplitude, e estes significados estão intimamente ligados às nossas vivências e modos de pensamento.

A cultura visual contribui para que os indivíduos fixem as representações sobre si mesmos e sobre o mundo e sobre seus modos de pensar-se. A importância primordial da cultura visual é mediar o processo de como olhamos e como nos olhamos, e contribuir para a produção de mundos (HERNANDEZ, 2000, p. 52).

---

1 Cultura visual é um campo de estudos que aborda os processos culturais: hábitos, costumes visuais, referentes a um ou vários povos. Área que, sobretudo, procura entender os aspectos visuais como fonte de transmissão cultural e as relações e interferências que os sistemas culturais acarretam ao processo visual de identificação e entendimento do mundo e da realidade.

Assim, a compreensão de como as imagens influem em nossos pensamentos, ações e sentimentos pode significar uma maior compreensão de si mesmo e da sociedade em que se vive.

A velocidade da comunicação, proporcionada por novas tecnologias, potencializa o poder das imagens. E nossa cultura está tão mergulhada na comunicação visual, que o olhar sobre as imagens tende a perder cada vez mais da característica crítico-reflexiva. Cunha (2005) exemplifica este processo mostrando imagens de beijos entre homem e mulher, de contos infantis a obras de arte. Estas imagens mostram a reincidência da representação da figura masculina indo ao encontro da figura feminina, ou seja, a mulher é quem recebe o beijo e o homem é quem toma a iniciativa. Podemos, a partir deste exemplo, desenvolver uma reflexão sobre como a Cultura Visual pode estabelecer o posicionamento de homem e mulheres em uma relação afetiva, ou seja, há uma interferência no comportamental.

Tratei até o momento da relevância do estudo das imagens. Cabe agora pensarmos em como pode ser pensada e executada a busca por este olhar crítico. Em *Sintaxe da Linguagem Visual*, Donis A. Donis analisa e aponta elementos que permitem decompor as comunicações visuais. Utiliza o termo *alfabetismo visual* comparando com o alfabetismo verbal e aponta para uma importante diferença entre os dois:

Aprendemos nosso alfabeto letra por letra, para depois aprendermos as combinações das letras e de seus sons, que chamamos de palavras e constituem os representantes ou substitutos das coisas, idéias e ações. Conhecer o significado das palavras equivale a conhecer as definições comuns que compartilham. (DONIS, 2007, p.15)

Porém, no que diz respeito ao Alfabetismo Visual, a professora acrescenta que “O maior perigo que pode ameaçar o desenvolvimento de uma abordagem do alfabetismo visual é tentar envolvê-lo num excesso de definições.” (DONIS, 2007, p.15), pois, comparado ao alfabetismo verbal, o alfabetismo visual ao trabalhar com imagens, e estas terão um significado subjetivo, diferente do alfabetismo verbal onde os significados das palavras já

estão definidos de antemão. Ou seja, no primeiro caminha-se por um terreno concreto, onde as palavras designarão nomes para objetos, ações, pensamentos etc. De forma bem simplista, pode-se dizer que a palavra cadeira servirá para o local onde se deve sentar, e não para o que se deve comer, e não haverá confusão nisso. Todavia, no que cerne a questão do alfabetismo visual, ao trabalharmos em um processo de significação de imagens, não devemos reduzi-lo á uma busca de definições, isso seria negar sua complexidade e ignorar o fato de que cada indivíduo possui sua forma de olhar, e que esta forma de olhar dependerá da história, da vivência de cada um. Então Donis (2007) lança o questionamento: “Se um meio de comunicação é tão fácil de decompor em partes componentes e estrutura, por que não o outro?”.

A autora responde a esta pergunta e é nesta questão que pretendo chegar:

Apreendemos a informação visual de muitas maneiras. A percepção e as forças cinestésicas, de natureza psicológica, são de importância fundamental para o processo visual. O modo como nos mantemos em pé, nos movimentamos, mantemos o equilíbrio e nos protegemos, reagimos à luz ou ao escuro, ou ainda a um movimento súbito, são fatores que tem uma relação importante com nossa maneira de receber e interpretar as mensagens visuais. Todas essas reações são naturais e atuam sem esforço; (...) Mas elas são influenciadas, e possivelmente modificadas, por estados psicológicos e condicionamentos culturais, e, por último, pelas expectativas ambientais. O modo como encaramos o mundo quase sempre afeta aquilo que vemos. O processo é, afinal, muito individual para cada um de nós. (DONIS, 2007, p.18).

Os significados de representações visuais falam de subjetividade, por conseguinte, de cada um.

O que nos leva a colocar a subjetividade na centralidade do projeto da cultura visual. Desta maneira, se torna tão relevante a indagação sobre “quem vê” como a tradicional pergunta sobre “o que vemos”. (EISENHUER, 2006 apud HERNANDÉZ, 2009, p.18)

“Quem vê” é uma pergunta crucial para minha pesquisa, pois o que busco é justamente proporcionar um olhar que possa levar ao reconhecimento

do quanto as imagens dos espaços escolares e os espaços em si, influenciam no estado de energia, determinam uma forma de agir ou não agir, sendo o último mais comum, na medida em que o espaço se organiza de forma a deixar claro o local do aluno: o local de quem recebe informação e o local de quem dita o que se deve saber. Assim, Hernández (2009) lança uma proposta educativa voltada à “compreensão crítica e performativa da cultura visual”, adaptando-se a proposta de Rose (2001):

- Pensar a respeito do visual em termos de significado cultural, das práticas sociais e das relações de poder em que estejam implicadas as imagens e as práticas de visualidade, ou seja, as maneiras de olhar e de produzir olhares.
- Refletir sobre as relações de poder que se estabelecem e articulam-se por meio das imagens e que podem ser propiciadas pelas maneiras de ver, de imaginar e de tecer representações.
- Considerar as representações da cultura visual como discursos que refletem práticas culturais. (HERNÁNDEZ, 2009, p.79)

Eis o mote para minha pesquisa: o espaço escolar produz imagens, essas imagens, produzem significados subjetivos e interiorizados, e esses, determinam um modo de agir ou, poderíamos chamar também de práticas culturais de estar nele e de criar relações com as demais pessoas que o frequentam.

### **1.3 Os Signos e os Significados**

A questão dos signos e significados está presente neste trabalho porque, ao buscar no olhar dos meus alunos uma visão dos espaços da escola, busquei também compreender o porquê de muitas respostas e visões trazidas por eles, isso quer dizer procurar compreender os elementos que formam este espaço e que fazem com que ele adquira determinado significado. Este entendimento fez-se necessário sobretudo porque, compreender os processos de significações que os alunos colocavam no espaço escolar, era no final compreender este “quem vê”, que citei na seção anterior.

Assim, a professora em questão também se viu no desafio de abrir o olhar, pois se fez necessário compreender mais sobre quem eram os meus

alunos que olhavam e significavam. Hernández (2009) aponta de forma muito interessante para a relação signos e sociedade ao afirmar “os signos e os símbolos são o veículo do significado e ocupam um papel na vida da sociedade, que é a que de fato lhes dá vida”. Assim, meu olhar e busca por compreender cada um, é tido como um caminho de compreender o todo do grupo:

Partindo da educação para a compreensão da cultura visual não se trata de estudar os processos individuais relacionados com a compreensão desses significados, mas sim a dinâmica social da linguagem que esclarece e estabiliza a multiplicidade de significações pelas quais o mundo se apreende e se representa. (HERNANDEZ, 2009, p.54)

Além disso, compreender os significados gerados tornou-se importante também porque, ao identificarmos estes elementos significantes, estaríamos nos munindo para após, transformar o espaço a partir de uma metamorfose destes elementos, da implementação de novos, ou da combinação dos elementos já existentes com os novos.

Abrangendo a questão e retomando a reflexão do quanto o que se vê pode refletir no comportamental e na compreensão de si e do meio, voltar o olhar e identificar significados nos espaços escolares é compreender o desenvolvimento e o lugar que ocupa esta instituição na sociedade.

[...] os elementos da cultura visual são, portanto, objetos que levam a refletir sobre as formas de pensamento da cultura na qual se produzem. Por essa razão, olhar uma manifestação artística de outro tempo ou de outra cultura implica uma penetração mais profunda do que a que aparece no meramente visual: é um olhar na vida da sociedade, e, na vida da sociedade, representada nesses objetos. (HERNANDEZ, 2009, p.53).

Esta investigação de significados mescla-se com a investigação dos signos no teatro, pois a iluminação, elemento que propõem a transformação do espaço escolar, é um signo teatral. Na arte do espetáculo, a iluminação como signo pode ir muito mais além de delimitar o lugar da ação ou identificar o dia e a noite, por exemplo. Segundo estudos sobre a semiologia do teatro

Uma função importante da iluminação consiste em poder ampliar ou modificar o valor semiológico novo; o rosto, o corpo do ator

ou o fragmento do cenário são às vezes “modelados” pela luz. (KOWZAN, 2003, p. 113).

Desta forma, ao experimentar na iluminação possibilidades de ressignificar um espaço, buscamos criar este valor semiológico novo, na medida em que, se primeiramente as grades de um corredor lembravam uma prisão, ao usarmos um tecido e iluminarmos ela gerando sombra por exemplo, podemos lembrar de um quadro ou de um desenho geométrico, gerando portanto um novo significado para as grades que antes geravam sensação de aprisionamento.

#### **1.4 A Iluminação e as Possibilidades de Ensino**

Ainda muito pouco se encontra de material para desenvolver e pensar o processo de ensino sobre a iluminação. Neste trabalho, pretendo levantar questões pertinentes e que possibilitem a reflexão do uso deste recurso no ensino.

A iluminação está, em minha proposta, intimamente ligada à questão da formação e transformação de imagens. A fotografia é a capturação de luz, embora no teatro essas imagens estejam em movimento e não “eternizadas” como na fotografia. Todavia, falar de iluminação no teatro, também é falar de produção de imagens e por isso, a iluminação é instrumento da linguagem visual do teatro.

A linguagem visual do teatro pesquisa o que é visual agindo como linguagem dentro de um espetáculo teatral: cenário, figurinos, adereços, maquiagem, iluminação. Estabelecem comunicação, produzem significados e estão intimamente ligados ao olhar, ou seja, o que deve ser visto ou não visto em determinado momento. Tratarei da iluminação, recurso que dediquei dois anos de estudo sendo bolsista de iluminação do Departamento de Arte Dramática da UFRGS.

Tive a oportunidade de criar a iluminação de vários espetáculos dentro do Departamento e isso me deu a noção do quanto este recurso é um elemento transformador de uma peça. Ver um espetáculo antes em um ensaio e,

posteriormente, em uma apresentação com sua iluminação agindo junto na encenação, percebe-se o quanto a iluminação cria novos significados e atmosferas para uma cena.

Para se criar e definir a iluminação de uma cena ou espetáculo é necessário o conhecimento técnico deste recurso. Este conhecimento abrange: materiais de iluminação que podem ser utilizados, as fontes de luz, que irão definir que tipo de luz será produzida; o local onde será colocada determinada fonte de luz, o que definirá a forma como ele incidirá no material iluminado, sua intensidade e cores. Importante acrescentar que:

A luz não é um elemento isolado. Ela se relaciona com tudo o que está no palco (figurinos, cenários, adereços) e com as situações que acontecerão (climas, movimentos, posicionamento dos atores etc). É necessário o balanceamento da iluminação de acordo com a realidade em que ela está colocada. (RICARDO LIMA, [s.d.], p. 16).

Ou seja, a iluminação se comunica com demais recursos da linguagem visual do teatro e deve trabalhar em um espetáculo teatral para iluminar o que deve ser iluminado, esconder o que deve ser escondido, criar climas e atmosferas, tudo de forma a casar com as necessidades de cada espetáculo e com a proposta de seu diretor.

Portanto a iluminação, como elemento transformador de imagens, será recurso para transformar e ressignificar o espaço escolar.

## **1.5 O Espaço Escolar**

A idéia de minha pesquisa partiu, como mencionado, do encontro com a licenciatura e a iluminação em minha caminhada enquanto aluna dentro do Departamento de Arte Dramática.

Após esta união, quando da tarefa de elaborar um projeto de pesquisa a ser desenvolvido no Trabalho de Conclusão de Curso, coloquei-me a pensar em como poderia utilizar destes conhecimentos, que tanto me alimentavam, em uma pesquisa dentro da escola. Como poderia inserir em uma pesquisa com alunos

de escola pública a transformação que a iluminação pode causar em uma imagem? Transformar a imagem... a imagem... mas, o que iluminar afinal? Iluminar cenas? Fotografias? Essa dúvida ficou durante o tempo necessário para chegar até o momento em que passei a refletir sobre por que não abrir e partir da bagagem de quando eu era uma aluna? Afinal, busco utilizar de minha bagagem pessoal para o desenvolvimento de minha pesquisa. Como era a minha escola? Os corredores? O pátio? As quadras de esporte? As salas de aula? E foi essa viagem de “mala e cuia” que proporcionou encontrar o objeto de minha pesquisa: o que queria era um novo olhar para estas imagens dos espaços da escola. Olhar e fazer da iluminação a janela para outro olhar!

Espaço: lugar de passagem, de trânsito, de encontros; local da ação. Espaço de tempo, espaço no tempo. Espaço seu, espaço meu... espaço nosso. Tempo, indivíduo e ação permeiam os espaços que são coadjuvantes, na medida em que o que proponho é a ação como protagonista. A ação de olhar, de significar, de iluminar e transformar.

Segundo o poeta:

A medida do espaço somos nós, homens,  
 Baterias de cozinha e jazz-band,  
 Estrelas, pássaros, satélites perdidos,  
 Aquele cabide no recinto do meu quarto,  
 Com toda a minha preguiça dependurada nele...  
 O espaço, que seria dele sem nós?  
 Mas o que enche, mesmo, toda a sua infinitude  
 É o poema!  
 -por mais leve, por mais breve, por mínimo que seja...  
 (QUINTANA, 1990).

Eu quero poesia, quero o olhar sensível sobre os objetos que colocamos nosso olhar. Afinal, todo coadjuvante (espaço) é essencial na trama, pois desenrola e faz parte da trajetória do protagonista (ações) que por ele passa e que fica por breves ou longos instantes. O tempo de ficar fisicamente pode ser breve, porém o tempo de significar e permanecer na imaginação não. Pois lembro, bem nitidamente, das imagens de meu colégio na infância.

Afinal, quais imagens o espaço da escola oferece? Uma cancha de futebol de areia seca? Portões por todos os lados? Alunos para um lado e

professores para outro? Uma lancheria, quadro-negro e murais? Afinal, o que tudo isso significa? Ou pode significar? Como cada um recebe e interpreta estas imagens? Como cada um reage á elas? O que há entre o visível e o invisível? Ou seja, quais imagens são sugeridas para além das produzidas pelo olhar?

Em Anexo 1, consta o registro fotográfico que realizei dos espaços do Colégio Júlio de Castilhos. Observe e coloque seu próprio olhar, pois as imagens falam por si.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 Os Sujeitos da/na Pesquisa**

Inseri minha pesquisa em meu Estágio em Teatro II. Assim realizei duas observações de aulas de teatro antes do início do trabalho com a turma, o que permite agora apresentar meus alunos com o olhar colocado antes e depois de nosso primeiro contato alunos-professora, sendo que tratarei no momento dos primeiros olhares postos sobre eles e posteriormente em minhas considerações finais, tratarei dos olhares gerados no processo e na análise final.

A pesquisa foi realizada com uma turma de primeiro ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, da cidade de Porto Alegre. O “Julinho” é um colégio de referência na cidade e de localização central. Desta forma, recebe alunos que residem em diversos bairros da capital, variando os contextos sócio-econômicos.

No que diz respeito ao ensino de artes, o colégio organiza-se da seguinte forma: os alunos escolhem qual matéria pretendem fazer: teatro, música, desenho, pintura, ou fotografia. A turma 11OP, que desenvolvi meu estágio e minha pesquisa, reúne, portanto, alunos das turmas 11O e 11P que escolheram fazer teatro durante o período designado para a educação artística. Os alunos têm em média de 15 a 17 anos. Cada turma tem em sua grade de horário dois períodos para artes, isso somente no 1º ano do Ensino Médio, pois após, o ensino de artes não está mais no currículo dos alunos.

Conversei com o Prof. Vinícius Lopes, professor regente dos alunos, sobre o que a turma trabalhou anteriormente e como era desenvolvido o trabalho. No primeiro dia de observação havia oito alunos, no segundo doze, na chamada são treze. Observei uma turma disposta para o trabalho, todos que estavam em aula tinham uma postura de aguardar as orientações do professor e, ao recebê-las, se engajavam nas atividades da aula. A turma me pareceu disposta para o trabalho. No primeiro dia, observei que o professor regente havia

solicitado um trabalho para ser realizado à parte do momento da aula: forneceu um texto para que os alunos completassem o diálogo. A turma estava dividida em dois grupos, e ambos tinham um material de retorno.

A turma é criativa. Ao realizar improvisações, os alunos traziam idéias e sugestões para o texto e para o que estava sendo realizado em cena. Cito esta característica que veio a partir das observações iniciais, pois fiquei pensando no quanto a turma pode e deve ser desafiada no trabalho.

Nesses dias de observação, tive a oportunidade de conversar bastante com o professor Vinícius Lopes que desde o princípio apoiou e incentivou a ideia de minha pesquisa, colocando que os alunos poderiam se engajar bastante. Portanto vamos conjugar o verbo, pois se eles engajam, eu engajo e nós engajamos!

## **2.2 Procedimentos e Coletas**

Como citado anteriormente, esta pesquisa foi desenvolvida durante o decorrer da cadeira de Estágio em Teatro II e desta forma, tinha com os alunos 1h e 30 min de aula por semana, o que equivale a dois períodos semanais da grade de horários da turma. Nossas aulas eram sempre nas sextas-feiras pela manhã.

Foram realizados exercícios, dinâmicas, entrevistas e experimentos para gerar as coletas de materiais que apresentarei agora.

Iniciei o processo levando a atenção dos alunos para o olhar em cena, ou seja, como comunico com meu olhar, e também para o olhar da cena, buscando então compreender o que cada um vê, excluindo a idéia de uma verdade única para a rede de significados que uma cena pode representar.

Chegamos ao momento de explorar os espaços da escola e para isso, realizei o seguinte exercício, ou melhor, jogo:

Cada aluno recebeu uma ficha numerada de um á treze, cada número era uma questão que deveria receber uma resposta. Estas perguntas eram sobre o espaço escolar e foram espalhadas pelo Colégio Júlio de Castilhos. Os alunos

deveriam, sob o mote do descobridor, explorar os espaços do segundo e terceiro andar do colégio para encontrar as questões e respondê-las, retornando com a ficha preenchida. Além de perguntas, espalhei pistas pelos corredores. As questões eram (considerando que algumas foram repetidas):

1. O que você pode dizer sobre a iluminação deste espaço?
2. Dê uma cor para passar o que este espaço representa. Outra cor para se quiséssemos mudar o que ele representa. Por que escolheu estas cores?
3. Se aqui não fosse o colégio, este local onde está poderia ser onde? Por quê?
4. Defina este espaço utilizando um adjetivo.
5. Defina este espaço com um verbo.
6. Utilize uma palavra que lhe vem em mente ao observar este lugar.
7. Defina este lugar com uma palavra.

Oito alunos compareceram à aula neste dia. Os alunos tinham trinta minutos para retornarem a sala de aula. Transcorridos vinte minutos, começaram a retornar. Estavam um tanto ofegantes e seus rostos demonstravam que haviam gostado muito do jogo. Colocarei abaixo as respostas mais significativas, pois em algumas questões os alunos limitaram em demasia suas respostas, resumindo-as a claro ou escuro, por exemplo. Segue, portanto, alguns significados dados pelos alunos, conforme a escrita de cada um, considerando que a letra “A” sempre apresentará as respostas do mesmo aluno e assim consecutivamente com “B”, “C” e as demais letras:

1. O que você pode dizer sobre a iluminação deste espaço?
  - A: Escuro, só apenas com a luz do Sol.
  - B: Escuro.
  - C: Pouco iluminado ao fundo.
  - D: Solar.
  - E: Ele é escuro.
  - F: É bem escuro.
  - G: Muito escura.
  - H: Tem meia luz, por causa da janela.

2. Dê uma cor para passar o que este espaço representa. Outra cor para se quiséssemos mudar o que ele representa. Por que escolheu estas cores?

A: Cinza. Branco para ficar mais claro.

B: Azul e Branco, ficaria legal, amor.

C: Marrom. Rosa. Porque são cores que me fazem bem.

D: Cinza. Azul.

E: Eu colocaria o branco. Para representar, o verde. Porque o mundo tem que parecer a natureza.

F: Cinza porque não é uma cor clara.

G: Preta representa, branca iluminado.

H: Cinza, verde. Para dar vida ao espaço.

3. Se aqui não fosse o colégio, este local onde está poderia ser onde?

Por quê?

A: Hospital.

B: Um sanatório.

C: Poderia ser um banheiro. Porque é escuro e tem janela.

D: Na minha casa, porque ela é pequena.

E: Num hotel, ou numa prisão.

F: Quartos de hospital.

G: Quartos.

H: Um hospital.

4. Defina este espaço utilizando um adjetivo.

A: Claro, alegre.

B: Feio.

C: Janela grande e bonita.

D: Chato.

E: Bem bonito.

F: Assustador.

G: Bonito.

H: Triste.

5. Defina este espaço com um verbo.

A: Entrar.

B: Ver.

C: Observar.

D: Entrar.

E: Aprender.

F: Assombro.

G: Assombrar.

H: Entrar.

6. Dê uma cor para passar o que este espaço representa. Outra cor para se quiséssemos mudar o que ele representa. Por que escolheu estas cores?

A: Azul, branco para deixá-lo mais claro.

B: Preto, fica no dark e azul luz.

C: Branco e verde, porque elas combinam com o lugar.

D: Amarelo. Sei lá.

E: A cor branca. O marrom. O branco porque é claro e o marrom porque fica misterioso.

F: Branco, amarelo. Porque são cores claras.

G: Branco, azul.

H: Azul, preto, pois iria representar a escuridão.

7. Observe as escadas e a grade, se este lugar não fosse no colégio poderia ser onde? (Escadas).

A: Escada de um prédio.

B: Prisão.

C: Um museu.

D: A escada do quinto andar da minha casa.

E: Poderia ser a escada de um apartamento.

F: Estádio de futebol.

G: Um hospital.

H: Escadas de um planalto.

8. Utilize um adjetivo para definir este lugar. (Um corredor).

A: Solitário.

B: Horrível.

C: Escuro.

D: Feio.

E: Ele é sujo.

F: Feio.

G: Feio.

H: Solitário.

9. Utilize uma palavra que lhe vem a cabeça ao observar este lugar. (A sacada que dá para a Av. João Pessoa, uma paisagem arborizada).

A: Naturalidade.

B: Tranquilo.

C: Simplicidade.

D: A sacada do shopping.

E: -----

F: Vento.

G: Paisagem.

H: Naturalidade.

Outro exercício realizado foi desenvolvido após um relaxamento com música. Primeiramente no relaxamento com os alunos trabalhei a respiração e a sensibilização. Eles sentaram em um círculo formado com as cadeiras e

fecharam os olhos, utilizei músicas calmas (trilhas de Vangelis) e contei a eles uma história que falava sobre o valor do trabalho em grupo e como um grupo se fortifica dando a importância para cada indivíduo que forma este todo. Preparei este início para que os alunos estivessem mais sensibilizados para o trabalho. A energia da turma estava calma e tranquila.

Após, a turma foi dividida em dois grupos. Cada grupo escolheu um dos materiais que disponibilizei para a realização do exercício: Um tecido branco de 2mX1,5m e um plástico com bolinhas de estourar de 5mX1m. Após os grupos definirem os materiais, um grupo ficou na sala de aula com a tarefa de realizar uma cena utilizando o plástico e uma das músicas do cd que coloquei a tocar no início da aula, no momento do relaxamento. O outro grupo ficou com a tarefa de utilizar os elementos de iluminação que tínhamos disponíveis, mais o tecido, para buscar transformar o espaço do corredor ao lado. Revezei-me entre um grupo e outro procurando somente assessorá-los na utilização dos materiais.

Após, cada grupo observou o trabalho do outro e preencheu uma ficha de perguntas, sendo que esta ficha continha a orientação:

“LEMBRE-SE: VOCÊ NÃO ESTÁ AVALIANDO O TRABALHO DOS COLEGAS, E SIM EXPLORANDO UMA REFLEXÃO À PARTIR DO SEU OLHAR”.

Perguntas para os alunos que assistiram a cena:

1. Onde se passava a cena que você assistiu?
2. Os colegas utilizaram o olhar na cena de que forma?
3. A música foi bem utilizada na sua opinião?
3. O que você sentiu ao assistir a cena?
4. De que forma uma música pode influenciar na cena?

Perguntas para os alunos que assistiram a intervenção no espaço:

1. O que você pode dizer sobre a iluminação deste espaço?
2. Onde poderia ser este espaço? Justifique sua resposta.
3. Como era antes, defina com adjetivos.

4. Como ficou? O que mudou?
5. Os espaços do colégio poderiam ser assim?

Segue as respostas dadas pelos alunos, sendo que cada letra sempre apresentará a resposta do mesmo aluno:

1. Onde se passava a cena que você assistiu?  
A: Num lugar abandonado, triste, calmo.  
B: No céu (paraíso) com anjos em volta tocando arpas.  
C: Em um lugar indefinido.
  
2. Os colegas utilizaram o olhar na cena de que forma?  
A: Um olhar sincero.  
B: Emotiva e solidária.  
C: De uma forma direta.
  
3. A música foi bem utilizada na sua opinião?  
A: Sim, pois foi lenta de acordo com a cena.  
B: Sim foi.  
C: Sim, pois a cena era calma e serena como a música.
  
4. O que você sentiu ao assistir a cena?  
A: Emoção.  
B: Emoção.  
C: Senti que a cena não detalhava o lugar nem onde acontecia a cena.
  
5. De que forma uma música pode influenciar na cena?  
A: Dando mais emoção a cena.  
B: Pode influenciar a emoção.  
C: A música pode influenciar na forma dos movimentos.

Respostas para as questões de quem observou o trabalho no corredor do colégio:

1. O que você pode dizer sobre a iluminação deste espaço?

D: Um pouco escuro.

E: Legal, tinha novas cores.

F: Ficou bem interessante, com as imagens.

G: Uma iluminação variada onde havia mais de uma cor e ao mesmo tempo era escura.

2. Onde poderia ser este espaço? Justifique sua resposta.

D: Poderia ser em um palco de teatro com as pessoas assistindo. Porque estava muito bonita a imagem.

E: Em um lugar escuro, ia ficar legal.

F: No corredor mais escuro.

G: Uma sala de teatro escura sem nenhuma luz acesa.

3. Como era antes, defina com adjetivos.

D: Antes era um pouco triste.

E: Era um lugar normal.

F: Feio.

G: Sombrio, sem graça.

4. Como ficou? O que mudou?

D: Ficou alegre, mudou muito a iluminação.

E: Ficou mais legal.

F: O que mudou foram as pessoas diferentes, cenas diferentes.

G: Ficou com aspecto de alegria, mais iluminado.

5. Os espaços do colégio poderiam ser assim?

D: Poderiam.

E: Não.

F: Não. Não ficaria legal se fosse sem graça.

G: Não, ficaria muito escuro.

O ANEXO 3 apresenta fotos capturadas do trabalho dos alunos nestes momentos em que pesquisaram recursos de iluminação no corredor do colégio. Os alunos descobriram a possibilidade de trabalharem com sombras, recurso que gostaram muito de explorar.

### 3 ANÁLISE DE DADOS

A resposta dos alunos no exercício onde observaram e relataram suas impressões do espaço escolar, vem a casar com o porquê de estar realizando este trabalho. Sim, o ambiente da escola é muitas vezes escuro. Sim, os espaços lembram hospitais. Sim, eles não parecem com um lugar de aprendizado, pois aprendizado está para a efervescência da vida, está conectado com o vivo e com a luz, e não com o frio e escuro.

Podemos observar também a vontade dos alunos em tornar estes ambientes mais alegres, mais vivos. Lembro de uma aluna que, após este exercício, comentou como se sentiu ao realizá-lo dizendo que ficou triste e que nunca tinha parado para olhar o colégio como havia feito neste dia. Outros alunos colocaram que alguns locais davam medo. Em contrapartida, ao observarem a sacada trouxeram palavras como naturalidade, tranquilo, simplicidade, paisagem.

Após este jogo de observação, brincamos de realizar entrevistas um com o outro. As impressões que trouxeram foram muito ligadas a sentimentos que vieram ao observarem ativamente os espaços do colégio, o que de alguma forma sublinhou as respostas escritas.

As respostas são curtas, como podemos observar. Isso é frequente quando questiono os alunos tanto na expressão escrita quanto verbal. Todavia neste exercício os alunos tinham um tempo para realizá-lo, o que fez com que eles o fizessem em um ritmo mais rápido. Questionei-me antes quanto a dar um tempo determinado para a realização deste jogo, pois isso poderia gerar o contratempo de não observarem com atenção o espaço. Mas creio que foi positiva a regra de um tempo para o término do exercício, pois deu aos alunos uma energia de jogo, de lúdico para fazê-lo. E, como pude observar nas respostas e nas entrevistas que realizamos, não fez com que os alunos não colocassem um olhar atendo nos ambientes, na medida em que suas respostas mostraram um olhar sensível. Outro ponto positivo em haver um tempo

determinado foi o fato dos alunos colocarem suas primeiras impressões, as impressões mais imediatas, sem racionalizar muito em como escrever e porque estavam pensando determinada palavra, era isso e pronto, estava no papel e partiam para as próximas explorações.

No exercício em que metade da turma foi experimentar a iluminação em um dos corredores do colégio e outra metade foi elaborar uma cena, foi interessante, havendo uma apropriação dos materiais disponibilizados para iluminação pelos alunos. Neste dia eles, experimentando possibilidades, descobriram o recurso da sombra, acharam muito interessante as imagens que produziram, porém como vemos em suas respostas a maioria dos alunos que observaram o corredor com esta breve intervenção dos alunos, apresentaram a opinião de que os espaços do colégio não poderiam ser assim. Mas claro, a proposta do trabalho não é de uma modificação permanente nos ambientes do colégio, mas sim uma transformação temporária onde, por alguns instantes, dá-se a produção de uma imagem outra naquele local antes sem sentido, escuro e sombrio, segundo as palavras deles.

Neste dia também houve uma conquista em nosso trabalho. Quando realizei o relaxamento com os alunos utilizando música, procurei sensibilizá-los ao ambiente que o som gerava. Era um risco, pois os alunos poderiam não aderir à proposta, tinham que fechar os olhos e adolescentes normalmente se sentem inseguros com isso, o que acaba gerando neles uma atitude defensiva. Porém isso não ocorreu, percebi a entrega deles e busquei orientá-los e deixá-los seguros, pois ninguém estaria olhando enquanto eles estavam de olhos fechados, somente eu.

Depois do relaxamento, contei aos alunos uma história de um ritual de uma tribo que consistia em uma “roda de abraços” e sugeri uma apropriação deste ritual convidando-os a reproduzir este ritual em nosso grupo, pois seria muito propício na medida em que estávamos na aula de teatro, e o teatro propõe um trabalho essencialmente de grupo. Fizemos todos juntos, e de maneira particular, uma reprodução deste “ritual”. Os alunos inicialmente estavam muito tímidos, fiz uma breve intervenção colocando á eles a questão: “Alguém aqui

não gosta de abraço? Afinal, não é bom?”. Assim, os alunos foram perdendo a timidez e se disponibilizaram ao momento. Vimos abraços sinceros e olhares generosos. Estou trazendo aqui este exercício, pois cada pequena partícula das atividades desenvolvidas foi nos dando essa possibilidade de trabalharmos em grupo, foi disponibilizando mais os alunos que sim, por muitas vezes foram muito passivos. Também foi bem importante, pois gerou um estado interessante de energia, os alunos não estavam “preguiçosos”, estavam tranquilos e prontos para a próxima etapa.

#### 4 FECHO OS OLHOS PARA VER

Foi muito gratificante e de um aprendizado grande para mim enquanto professora e pesquisadora: ler as opiniões dos alunos, conversar com eles e, principalmente, ver seus olhares quando haviam compreendido ou sentido algo é de imenso valor. É por isso, afinal, que decidi ser professora.

O tempo, que está sempre correndo na minha frente, não foi um bom amigo. Constatado que tive pouco tempo para desenvolver a pesquisa, pois também eu tateava enquanto professora. Quando senti que havia afinado e que meus alunos estavam mais disponíveis e aliados na proposta, faltavam poucas aulas para terminar o meu semestre e o trimestre deles, e o trabalho que estava pronto para deslançar, deveria se encaminhar para o final.

Ao trabalharmos os recursos de iluminação, percebi que os alunos começaram a compreender a questão de produzir imagens. E foi neste momento, com a inclusão da luz, que os alunos começaram a desenvolver mais suas opiniões. Fizemos um breve trabalho com velas, para investigar a iluminação produzida por este recurso. Lembro-me que as velas foram uma sensação em sala de aula! Os alunos lembraram e trouxeram a imagem de rituais. Porém, infelizmente, este recurso de iluminação não pôde ser muito explorado devido ao fato de produzirem pouca luz e a sala de aula não ser totalmente escura, vazava luz das janelas, embora elas tivessem cortinas pretas.

Trabalhei com uma turma muito boa, os alunos eram receptivos, me ouviam e na maioria das vezes se engajaram em minhas propostas. Mas claro, como nem tudo é “um mar de rosas”, nem sempre foi assim, pois em outros momentos eram muito apáticos. Conversando com meus colegas de estágio, percebemos que outros também enfrentavam esta mesma dificuldade em sala de aula. Essa característica está intimamente ligada ao alvo de minha pesquisa na medida em que o espaço escolar, principalmente a sala de aula convencional, não é um local de livre criação e, quando os alunos se confrontam com essa possibilidade, há inicialmente uma “trava”, um paralisar por não saber como nem

o que fazer. Isso também foi observado quando questionados com perguntas abertas, normalmente os alunos começavam com alguma expressão do gênero “acho que sei lá”. Por isso busquei questioná-los através da escrita, para que pudessem refletir sobre as atividades antes de escrever. O fato é que esta passividade foi dando lugar a curiosidade e enquanto foi sendo desenvolvida a pesquisa, os alunos foram participando mais ativamente e se acostumando a dar sua opinião. Interessaram-se e queriam mais.

Aprendemos muito com nossas vivências. Certamente os aprendizados mais marcantes de minha vida estão relacionados a fortes momentos que vivi. E este “forte” não precisa ser o dia em que mais chorei, ou que me senti a pessoa mais feliz do mundo, o “forte” pode estar no simples, mas será forte se eu assim o considerar. Coloco esta reflexão porque as atividades nas escolas devem buscar estas vivências. Viver na prática, não somente na teoria. A teoria é válida e permite que possamos ver diversos caminhos, bem como permite um leque maior de reflexões. Porém, os caminhos que seguimos transformam nossa caminhada em algo sólido, consistente, algo vivo em nosso imaginário. Assim, esta pesquisa possibilitou muitas vivências tanto para mim quanto aos meus alunos. Ouvir do seu aluno: “- Pena que acabou...” faz você sentir e pensar “é, pena mesmo!”. O que fica é nosso, o que passa também.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Edições 70, 2007. Trad. Maria Margarida Banahona.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Apontamentos sobre a Cultura Visual. In: **Anais do Seminário Nacional de Arte e Educação**. Montenegro: Ed. da FUNDARTE, 2005.

DONIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ETERNO Espanto. Documento on-line. Acessado em: 21 de Nov. 2011. Disponível em: <http://quintanares.blogspot.com/>.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1999.

HERNANDÉZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual**: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2009.

\_\_\_\_\_. **Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

KOWSAN, Tadeusz. Os signos no Teatro, Introdução à Semiologia da Arte do Espetáculo. In: GUINSBURG, J. et al. (org.). **Semiologia do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LABORATÓRIO DE ILUMINAÇÃO. **Imagem e educação**. Campinas: UNICAMP, [s.d.]. Documento on-line. Acessado outubro de 2011. Disponível em: <<http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/dicas.htm> >.

LIMA, RICARDO. **Manual Básico de Iluminação Cênica**. Porto Alegre: IEACEN, [s.d].

PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide R. S. de; PETRAGLIA, Izabel. **Edgar Morin**: Ética, cultura e educação. São Paulo: Cortez, 2008.

**ANEXOS**

### ANEXO 1 – Fotos do Colégio Júlio de Castilhos



Foto 1: Corredor do colégio, as portas dão para salas de aula e banheiro



Foto 2: Corredor do Colégio Júlio de Castilhos, as portas dão para salas de aula

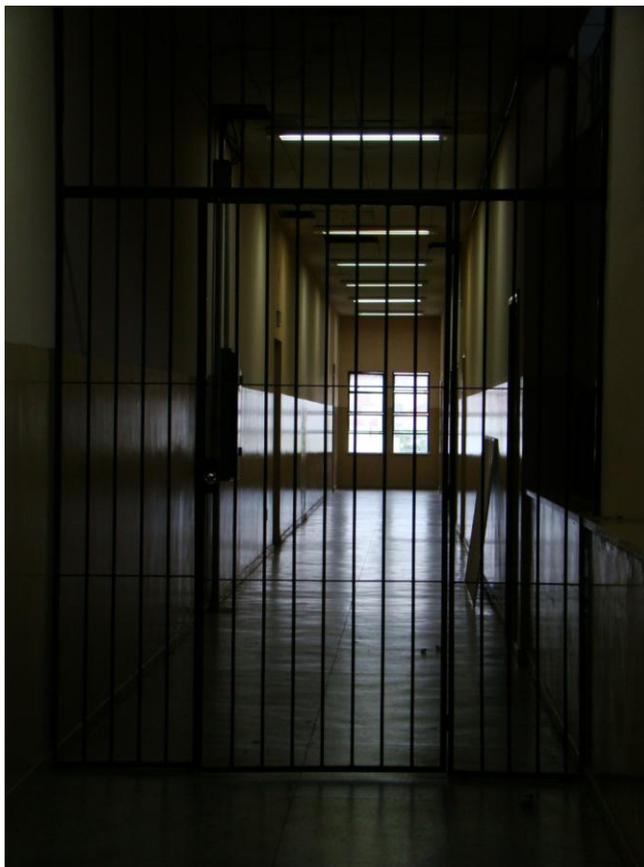


Foto 3: Corredor do 1º Andar, as portas dão para salas de aula



Foto 4: Saguão no 1º Andar, as saídas encaminham para corredores

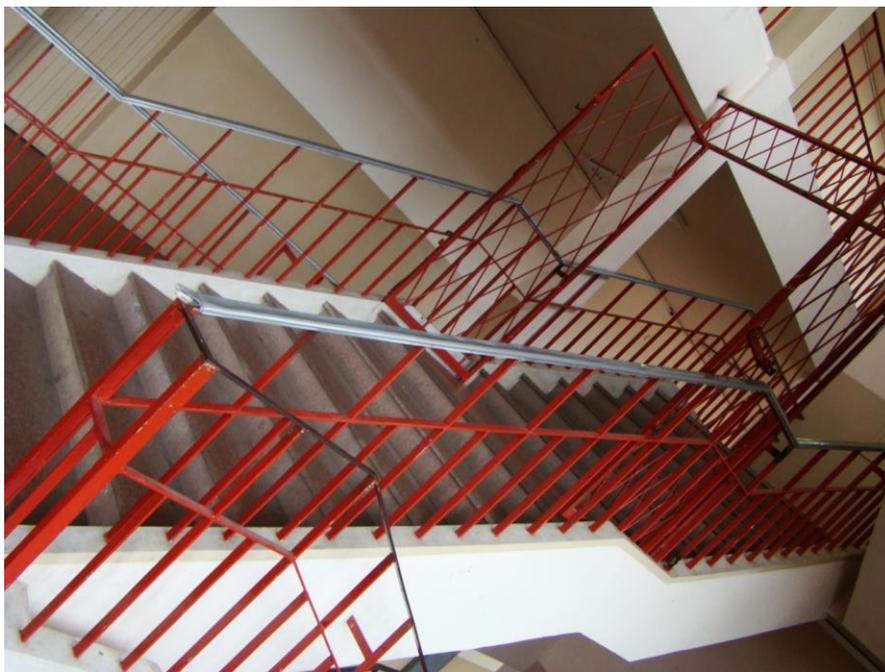


Foto 5: Escadas que dão acesso ao 3º andar

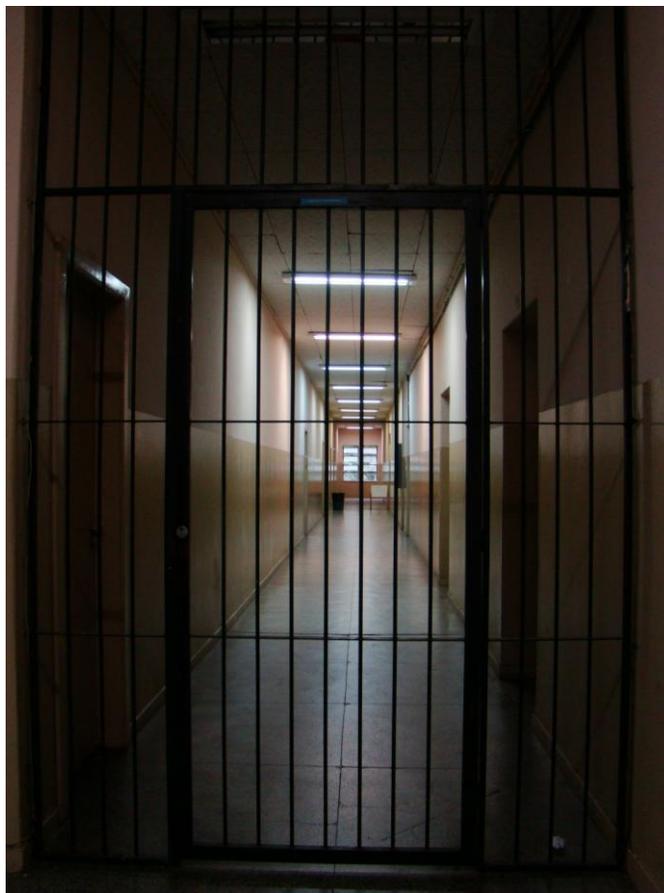


Foto 6: Corredor no 3º Andar, salas de aula e administrativas



Foto 7: Escadas que levam do 1º andar ao térreo

## ANEXO 2 – Investigações com iluminação

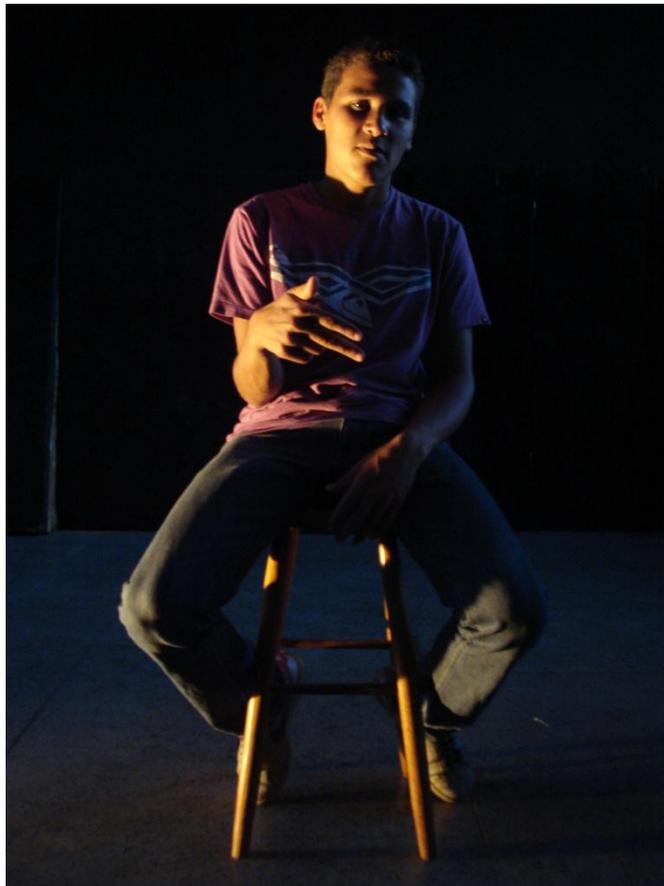


Foto 8: Iluminação Lateral, sala de aula de teatro



Foto 9: Contra-luz, os alunos sugeriram figurinos



Foto 10: Iluminação com cores

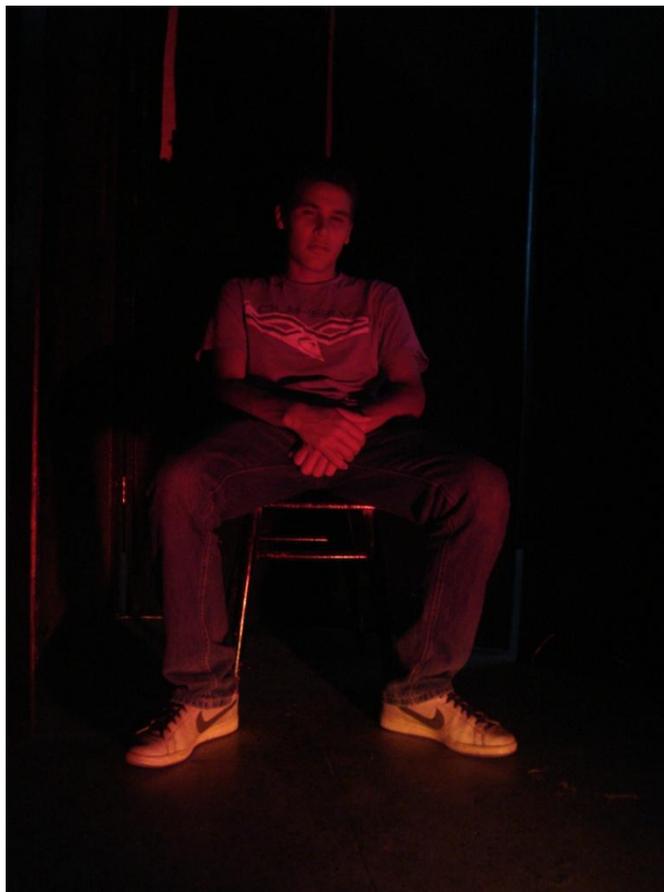


Foto 11: Iluminação com cores



Foto 12: Contra-luz



Foto 13: Espaço e objetos a serem iluminados



Foto 14: Espaços e objetos iluminados



Foto 15: Alunos formaram uma imagem a partir de objetos, outros colegas iluminaram



Foto 16: Alunos formaram uma imagem a partir de objetos, outros colegas iluminaram

**ANEXO 3 – Iluminação nos espaços escolares e exercício com símbolos**

Foto 17: Os alunos descobriram no corredor a possibilidade de fazer sombras



Foto 18: Os alunos descobriram no corredor a possibilidade de fazer sombras



Foto 19: Os alunos aprimorando a ideia de sombras



Foto 20: Foto de cena realizada pelos alunos, plástico como símbolo de união